

I MARCHA PELA ABOLIÇÃO DOS MATADOUROS

Lisboa acolheu hoje, dia 4 de Junho de 2016, a I Marcha pela Abolição dos Matadouros.

À mercê do capitalismo neoliberal, mais de 53 mil milhões de animais sencientes (terrestres) são mortas anualmente com vista à produção de “carne”, sobretudo nas Américas e Europa. Apesar de inúmeros estudos apontarem os severos impactos da indústria agropecuária em animais não-humanas, na saúde humana e na gestão dos recursos naturais, a produção de “carne” continua a aumentar por todo o mundo.

Na actualidade, o complexo industrial-animal está organizado a partir do exercício da violência especista, ou seja, da agressão contra as animais não-humanas através da apropriação sistemática dos seus corpos. Milhões de vacas, porcas, galinhas e ovelhas são confinadas a espaços reduzidos, insalubres e, muitas vezes, sem luz solar ou artificial. Além da manipulação abusiva dos seus corpos e dos respectivos processos biológicos, são sujeitas a várias formas de mutilação, sem recurso a anestesia, tais como a castração, o corte de cauda, o debicar e o descornar. São injectadas com hormonas, vacinas e antibióticos para acelerar o crescimento da massa corporal. São impedidas de participar em actividades específicas da sua espécie; são-lhes quebradas as relações de parentesco; estabelecem relações sociais muito limitadas; não conseguem comunicar eficazmente com os membros do seu grupo.

A exploração das animais não-humanas está profundamente radicada no especismo, isto é, um sistema ideológico que inspira o preconceito, a violência e a discriminação contra os membros que não pertencem à espécie *Homo sapiens sapiens*, através de um amplo conjunto de instituições materiais, discursos culturais e práticas sociais. Enquanto sub-ideologia especista, o carnismo condiciona, sustenta e legitima o consumo de determinadas animais não-humanas. As chamadas “animais de consumo” - como as vacas, as porcas e as galinhas - são vistas como meros instrumentos destinados à satisfação dos interesses humanos. São consideradas objectos inanimados, percebidas de forma indiferenciada e integradas em categorias binárias que instigam emoções, atitudes e acções distintas em relação às suas espécies. Não têm rosto; são cadáveres anónimos; são invisíveis para a maior parte das humanas.

Somos anti-especistas, anti-carnistas, abolicionistas, anti-capitalistas, feministas, fufas, bissexuais, queers, heteras, não-binárias, trans, galdérias, anti-fascistas, monogâmicas, poliamorosas, anti-assimilacionistas, anti-reformistas, libertárias, anarquistas, precárias, dissidentes, solidárias e aliadas na luta pela libertação animal!

Marchamos e ocupamos as ruas:

- Pelo reconhecimento das animais não-humanas como sujeitas de valor intrínseco, agenciadas, auto-determinadas, com voz própria e capacidade de resistência;
- Pela construção de uma sociedade onde ninguém - independentemente da sua espécie de pertença - seja escravizada, convertida em mercadoria e detida por outrem como propriedade;
- Pelo fim da exploração das animais não-humanas em todas as dimensões do complexo industrial-animal, incluindo a alimentação, o vestuário, a experimentação e o entretenimento;
- Pela abolição do capitalismo que, enquanto forma de organização económica e social, visa a acumulação de capital através da instrumentalização das animais não-humanas, da conversão dos seus corpos em bens de consumo e da manutenção de relações de poder especistas;
- Pela abolição do Estado, esse guardião da exploração das animais não-humanas, que protege os opressores e pune as oprimidas, que regulamenta e subsidia a violência especista, ao mesmo tempo que reprime o activismo político;
- Por um activismo interseccional, que procure dismantelar o especismo e as suas intersecções com outros sistemas de opressão, tais como o sexismo, o racismo, o heterossexismo, a xenofobia, o cissexismo, a transfobia, o capacitismo, o classismo, o etnocentrismo, o capitalismo, o colonialismo, o sionismo, etc.;
- Por um movimento que ofereça um potencial revolucionário para a libertação animal, promova políticas de aliança com outras lutas sociais e se afaste de uma abordagem sectária, humanista e reformista;
- Pela diversidade de estratégias, tácticas e acções políticas na luta pela libertação animal, nomeadamente daquelas que são ilegalizadas pelo Estado: desobediência civil, sabotagem e destruição de propriedade;
- Por um veganismo comprometido politicamente com a transformação social radical, que não seja vendável às apropriações neoliberais e assimilacionistas, que vá além das mudanças individuais e enderece o carácter sistémico da exploração das animais não-humanas na actualidade;
- Pela erradicação do especismo, do carnismo e da exploração das animais não-humanas. Pelo fim de todas as formas e práticas de injustiça social e de discriminação que decorrem dos múltiplos sistemas de opressão.
- Pela abolição da hierarquia, da autoridade e da dominação. Pela libertação animal!

ESPECISMO NÃO, ESPECISMO NÃO. ABOLIÇÃO!